

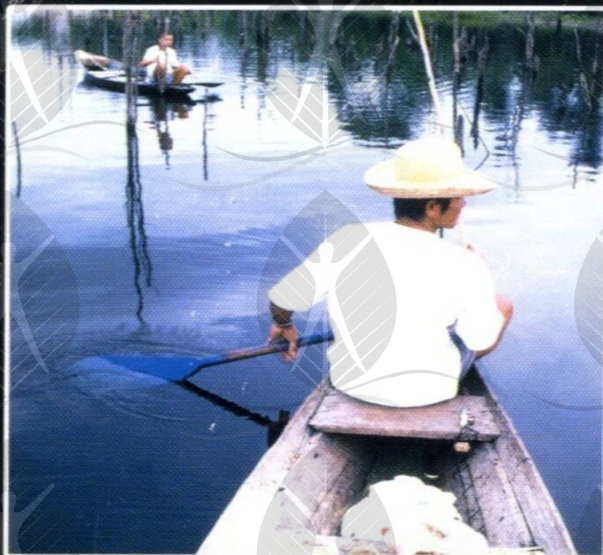


COLEÇÃO
Documentos da
AMAZÔNIA

Anarquização do Município de Humaitá

Antônio Francisco Monteiro

fac-similado N.º 123



CULTURA



ANARQUIZAÇÃO DO
MUNICÍPIO DE HUMAITÁ



COLEÇÃO
Documentos da
AMAZÔNIA

PARQUE SENADOR JEFFERSON PÉRES

Leia o Livro no Parque

Devolva no Local



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

GOVERNADOR DO AMAZONAS
Eduardo Braga

VICE-GOVERNADOR DO AMAZONAS
Omar Aziz

SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA
Robério Braga

SECRETÁRIA EXECUTIVA
Delzinda Barcelos

ASSESSOR DE EDIÇÕES
Antônio Auzier

ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DA CULTURA
Saul Benchimol – Presidente

CULTURA
Secretaria de Estado

Av. Sete de Setembro, 1546
69005-141 – Manaus-AM-Brasil
Tels: (92) 633.2850 / 633.3041 / 633.1357
Fax: (92) 233.9973
E-mail: cultura@culturamazonas.am.gov.br
www.culturamazonas.am.gov.br

ANTÔNIO FRANCISCO MONTEIRO

ANARQUIZAÇÃO DO
MUNICÍPIO DE HUMAITÁ

(FAC-SIMILADO)



COLEÇÃO
Documentos da
AMAZÔNIA

CULTURA



Edições
Governo do Estado

Copyright © 2004 Governo do Estado do Amazonas
Secretaria de Estado de Cultura

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Antônio Auzier Ramos

PROJETO GRÁFICO
KintawDesign


M775a Monteiro, Antônio Francisco.

Anarquização do Município de Humaitá. / Antonio Francisco Monteiro (fac-similado). Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado de Cultura, 2004.

40 p. Coleção Documentos da Amazônia n.º 123

1. Humaitá (AM) – Usos e Costumes 2. Humaitá (AM) – Estatísticas 3. Humaitá (AM) – Política. I. Título.

CDD 981.13 21. ed.



A juventude é uma das nossas maiores preocupações. Terá atenção especial com o fomento do esporte, espaços culturais e educacionais que possam assegurar a formação de gerações saudáveis e preparadas a vencer os desafios de um mundo globalizado e competitivo, proporcionando um futuro melhor para as nossas próximas gerações...

Eduardo Braga

Discurso proferido pelo Governador Eduardo Braga na sessão solene de posse em 1.º de janeiro de 2003.

APRESENTAÇÃO

Em todas as edições já processadas sobre temas amazônicos, especialmente contados a partir de 1997 com a criação da Secretaria de Estado da Cultura e toda a transformação que desde então vem sendo processada com firmeza e continuidade, a *Coleção Documentos da Amazônia* tem cumprido ainda melhor o papel que lhe cabe, chegando as bibliotecas, aos pesquisadores, professores e estudiosos dos problemas regionais, sem os pecados das reedições que modificam o teor do texto original, ajustam a linguagem, e, não raro, deformam o que pretendeu o autor, originalmente, em obras muitas vezes centenárias.

A forma de edição fac-similar tem o objetivo de simplificar a edição moderna do trabalho, reduzir custos, permitir maior número de títulos, mas, sobretudo, não deformar, pelo pecado do ajustamento da linguagem, o pensamento do autor. Por isso seguimos com ele neste modelo, integrada as *Edições Governo do Estado do Amazonas* que tem representado um canal eficiente e contínuo da produção literária no Estado.

Este título, agora relançado, teve por certa circulação bastante restrita ao tempo em que veio a público, em 1912 e, por isso mesmo cresce em interesse agora em 2004, portanto quase cem anos depois. Não perdeu, entretanto, a oportunidade. Pode ser entendido de forma mais precisa, distante dos acontecimentos que o motivaram.

O título *Anarquização do Município de Humaitá* foi inicialmente publicado em artigos no jornal *Folha do Amazonas*, de circulação em Manaus nos números 521 e 522, mas reúne também outros artigos de imprensa, no mesmo jornal, com outros títulos que depois foram lançados neste opúsculo. É caso político que começa por se opor ao prefeito municipal de

Humaitá, dr. Pedro Bacelar e que poucos anos depois chegaria a ser governador do Estado. É narrativa de disputa entre o prefeito e o sr. Antônio Francisco Monteiro, de enorme tradição na região do rio Madeira, herdeiro de força política, dono de seringal e homem de fibra, como todos de seu tempo o reconheciam.

Toda a intriga e futrica política então travada acaba envolvendo Francisco Plínio Coelho, homem de cartório e pai de Plínio Coelho, depois um dos grandes governadores do Estado do Amazonas, o *Jornal da Tarde*, os membros do Partido Republicano Conservador, e até figuras populares como barbeiros e sapateiro da cidade.

É material para ser estudado, depurado, comparado com os fatos noticiados por outros veículos de imprensa da época, cotejado com a evolução do quadro social e político anos seguidos, e servir para a composição da história política do Amazonas, especialmente de tão importante região como a do rio Madeira, por onde a riqueza fez caminho e foi celeiro de figuras exponenciais da recente história do Amazonas e da cena política brasileira, como Álvaro Maia, Plínio Coelho, Almino Affonso, Pedro Bacelar e todo o clã dos Monteiro que deixaram contribuição também nas letras e no jornalismo.

Vale pelo que pode representar no reconhecimento dos fatos e na elucidação das intrigas e futricas que também marcaram aquela época e não desencarnam da política brasileira.

Robério Braga

Secretário de Cultura

ESTADO DO AMAZONAS

Anarchisação do Município de Humaythá

Antonio Francisco Monteiro

(O COAGIDO)

e seus capangas

Esmagando a infamia

1912

Anarchisação de Humaythá

Mais de uma vez a imprensa desta capital tem relatado acontecimentos que, pela sua natureza insolita, tanto têm revoltado o espirito publico.

Não é de hoje que temos dado publicidade á historia tristissima de scenas que tanto depõem a respeito do carecter de seus protagonistas.

A politica a serviço de ambiciosos vulgares ou entregue á vontade ou ao arbitrio d'aquelles que revelam desconhecer a mais rudimentar expressão de justiça ou de equidade, tem sido a causa dessa serie de anormalidades que havemos constatado, quasi semanalmente.

Ainda vibram os echos protestativos desta população contra os successos de Coary, Borba e demais municipios, que têm sido presos da felonía ou melhor das paixões subalternas de quem têm se aproveitado, unica e exclusivamente da atmosphaera do poder para satisfacção de seus interesses mercenarios.

E' de hontem, tambem, o facto revoltante occorrido nesta capital em que o caso da Intendencia Municipal reunido aos outros só confirma a opinião geral de que pelas zonas governamentaes tudo anda anarchisado.

Não é, mesmo, de se suppor cousa differente, em face das constantes perturbações que, até hoje, têm entravado a marcha constitucional do Estado.

Agora surge o facto de Humaythá com o seu cortejo de aggravantes denunciando essa falta de comprehensão de suas responsabilidades por parte d'aquelles que assumiram certos e importantes compromissos perante os seus concidadãos.

Referimo-nos á superintendencia desse municipio do Madeira que é occupada por um homem que devia prezar, pelo menos, o seu titulo scientifico quando não quizesse obedecer aos deveres inherentes ao seu cargo.

Entretanto, não acontece assim, pois, o dr. Alcantara Ba-

cellar que, infelizmente, está á frente do executivo municipal n'aquella localidade, parece enfechar em suas mãos todos os poderes, tal a maneira discricionaria com que exerce a sua autoridade de superintendente.

Historiemos primeiro o caso:

No dia 15 do corrente mez, a maioria do Conselho Municipal de Humaythá, na impossibilidade de effectuar a sessão para que fôra, na forma da lei, convocada por officios e editaes assignados pelo presidente do conselho, por falta de livros, das actas de sessões ordinarias, bem assim os que, especialmente se referem ao serviço eleitoral, dirigiu ao dr. juiz de direito uma petição. Nesta petição foi solicitada a intimação do secretario do Conselho, afim de que apresentasse os referidos livros, protestando, desde logo, fazer lavrar no livro de notas do tabellião, a acta da sessão e mais deliberações que tomadas fossem na sessão, no caso de não serem entregues os mesmos livros.

O juiz despachou.

Em cumprimento, procurado e não sendo encontrado aquelle secretario, foi isto mesmo certificado. E, na forma do requerimento da maioria do conselho, tomado por termo o protesto, reuniu-se o conselho. Este, no desempenho de suas funcções, procedeu á divisão do municipio em secções e á eleição das mezas eleitoraes, tudo na conformidade da lei.

Eis o que unicamente teve logar, n'aquella cidade.

Pois bem: essa attitude do conselho que desnorteara o leviano superintendente e frustrara os seus planos, determinou o apparecimento inesperado em Humaythá,—e para os que não pertencem ao grupo desprestigiado do intitulado P. R. F.,—do sr. coronel Antonio Monteiro acompanhado de cerca de cincoenta desordeiros escolhidos entre os desoccupados do conhecido Mirary.

Essa intervenção não podia ser surpresa para o tristemente celebre superintendente e os seus poucos companheiros de façanhas que seriam ridiculas se não fossem perversas, e a razão é que elle, superintendente, medroso apenas de sombras, invocara o auxilio.

E' a verdade.

Não fez questão o sr. Antonio Monteiro de dizello perante muitas testemunhas.

A presença de desordeiros na pacata cidadezinha do Madeira, explica o panico que logo invadiu os seus habitantes.

O que, em contrario, mandaram communicar, pelo sem fios de Porto Velho, á imprensa governista, os que não podem nunca esquecer a sua condição de VICTIMAS, reduz-se á mentira soez de que não passa, a vista da prova que fazem dos factos acima

relatados, documentos que temos á vista e que daremos publicidade, se for preciso.

Toda a intervenção do illustre dr. juiz de direito limitou-se ao despacho da petição dos conselheiros municipaes.

Não a despachasse o digno juiz, e se mostraria parcial. Isto é que é inilludivelmente certo.

O panico não poderia deixar de se estabelecer.

Os seus responsaveis não são, porém, apontados pelo «Amazonas».

O honrado juiz de direito de Humaythá sentiu-se ameaçado na sua vida, até o exercicio das suas funções tornara-se impossivel. Uma facilidade, e ter-se-ia o saque e todas as violencias que a impunidade inspira aos desalmados.

O juiz convocou uma audiencia extraordinaria no mesmo dia 16, em que teve logar a selvagem invasão.

E declarando que vinha solicitar do poder competente as providencias que o caso requeria, cumpriu, como sempre, o seu dever.

Finalizando esta pallida resenha das occurrencias desdobradas violentamente no municipio do Madeira, cabe-nos, mais uma vez, protestar contra as allegações pouco dignas do velho «Amazonas» a respeito da linha de proceder do illustre juiz de direito, dr. Lins Themudo.

* * *

Sob o impressionante titulo acima, demos hontem uma rapida, porem veridica, noticia dos successos politicos desenrolados ultinamente na cidade de Humaythá, no rio Madeira, e para aqui deturpadamente transmittidos á imprensa situacionista.

Só o facto do correspondente telegraphico ter se dirigido aos jornaes do governo, tanto basta para suggerir suspeitas a respeito de sua veracidade.

Está se vendo logo a má fé que presidiu á confecção do referido despacho.

Somente quem tinha interesse em adulterar a verdade dos acontecimentos que tanto sobresaltaram o socego das familias e a vida municipal daquella localidade, é que podia ter se apressado assim em expedir um telegramma, cujo sentido, revelá logo, á primeira vista, a sua occulta e criminosa procedencia.

Quem com animo desprevenido leu o mencionado radiogramma, certamente deveria ter ficado de sobre aviso e immediatamente convencido da cooparticipação do governo em alguma cousa de anormal que se passava naquellas regiões, tanto que, para isentar da responsabilidade, preparára, adrede, um despa-

cho telegraphico que, felizmente, em vez de embahir o espirito publico, lavrara a sua propria condemnação.

E, depois, quem já conhece os antecedentes dos processos empregados sempre pela situação dominante em casos identicos, não tem mais duvida a respeito da parte activa assumida pelos deslavados adeptos desta politica impenitente nas occurrencias lastimaveis da infeliz feitoria deste reguleto superintendente que tem feito a desventura de uma população ordeira e laboriosa.

Os exemplos de alteração da ordem publica em varios municipios deste Estado onde impera o desvario de consciencias serzidas por interesses mercenarios, obriga-nos a producção destas desfavoraveis illações logicas.

E' esta a nossa opinião, como será a de todo homem sensato que tenha acompanhado, até hoje, o desdobrar perenne dos acontecimentos politicos do Amazonas.

Nos municipios, sob á calentura da atmosphera official, os representantes de seu poder executivo são, ordinariamente, individuos sem principios firmados e, mais das vezes, guindados até ali á custa das proprias submissões do character.

E' attingida desta maneira a supremacia administrativa, não abandonam o posto, mesmo que seja necessario fazer das ruinas de seu mundo moral barreiras para a sua defeza.

Pelas gloriolas do poder ficam indifferentes aos reclamos da dignidade e, então, essa syncope natural das alturas, só serve para embotar-lhes as idéas, embora accorde nelles os instinctos da mais baixa animalidade.

Chegados á esse ponto, têm perdido toda noção da honra e da liberdade. Dahi não ser difficil termos sempre que lutar contra a impunidade e dar livre curso a perfidia e a violencia, se não a estimular até o assassinato.

Não é a primera vez que temos denunciado os crimes provenientes dos excessos do poder commettidos ou paranympados por aquelles que não possuem bem nitidas as responsabilidades inherentes aos cargos publicos.

Nesse estado de insensibilidade mental se encontra presentemente o sr. Alcantara Bacellar que tem dado apenas um testemunho formal de sua incompetencia.

Este senhor pertence á cathegoria desses individuos que, não contando com o prestigio legitimado pela opinião collectiva com que se affirmam os volores reaes des dirigentes das massas sociaes; á falta desses esteios moraes, procuram crear importancia lançando mão dos meios mais reprovaveis, enveredando por estradas, cujos extremos vão se perder, quasi sempre, nas zonas da anarchia.

E' assim que elle, amparado pelo inconsciente Antonio Monteiro—pseudo chefe de um partido politico anonymo—tem commettido toda sorte de violencias naquellas regiões onde elle só ha concorrido para avital-a com o seu governo de odios e vinganças.

Naquella cidade, antes da gestão deste medico impopular, era muito difficil encontrar-se uma casa que não fosse habitada, e o augmento da população, dia á dia, era manifesto; no entanto, depois que elle assumio á Superintendencia daquelle municipio ha uma diminuação de mais de quatrocentas pessoas alem do grande numero de casas vasias.

E quaes os melhoramentos dessa administração infecunda? Os mesmos que dão as terras estereis ou os terrenos cançados.

E' a urze, é o espinho, é a vegetação rasteira a se estender sobre um vasto trecho de natureza exgottada ou improductiva.

O mesmo phenomeno se realiza no seio da Superintendencia communal de Humaythá.

Nada existe ali feito pelo seu representante, que indique a exhuberancia da vida de um organismo sadio e equilibrado.

E o que é mais natavel em tudo isso é a cooparticipação do sr. Antonio Monteiro em todos os actos praticados pelo sr. Bacellar.

Tanto é mais censuravel, ao ter-se em vista que o sr. Antonio Monteiro deveria, pelo menos, por uma questão de escrupulos naturaes em todo homem de bem, não esquecer os respeitos devidos a uma terra que é o berço das dedicações de seu venerando pae; a patria de filhos, netos de uma prole que tem raizes affectivas radicadas ao sólo, para, ingrato. impiedosamente armar-se contra ella e reduzil-a a um inferno de provações, onde a sua propria familia tem hoje passado as mais tristes horas de sua vida.

O sr. Monteiro não deveria, em tempo algum, dar o seu assentimento ás sollicitações peccaminosas deste leviano Bacellar, quanto mais ser o primeiro a rodear-se de uma malta de capangas para violentar a magistratura, pertubar a marcha dos negocios municipaes e plantar o terror no seio das familias.

Em face da anarchisação existente nesse municipio do Madeira, esperamos pelas providencias que, certamente, serão tomadas pelos poderes competentes, no sentido de restabelecimento da ordem publica, alterada por ambiciosos vulgares que não se setem mal em jogar com a vida do povo para satisfação unicamente sua cupidez partidaria.

Cartas abertas

I

Ao sr. coronel Antonio Francisco Monteiro:

Sr. Coronel:

Eu penso e quasi acredito, porque a toda gente v. exc. diz, que v. exc. é, effectivamente, o chefe do partido situacionista de Humaythá. Assim sendo, v. exc. é, portanto, responsavel pelos acontecimentos ultimamente desenrolados na cidade d'aquelle municipio: pelo arrombamento da porta do gabinete do seu sympathico amigo dr. Alcantara Bacellar; pela chegada ao porto da cidade na lancha *Cauby* com mais de 40 homens armados de rifles, e, em virtude disso, pela retirada de algumas familias para os arrabaldes; pelas palavras malcreadas dirigidas ao escrivão Coêlho; pela aggressão feita pelo velho Miranda, na porta do *super*, ao sr. Alvaro Moreira; pelos radiogrammas mentirosos expedidos de Porto Velho para o governador, o dr. Paiva e outros, e dos quaes se occuparam alguns jornaes dessa sua terra, e, finalmente, pelas *potocas* que impingio a esses mesmos jornaes, já em entrevistas, já mandando publicar correspondencia que v. exc. mesmo, em pessoa, mandou fazer e trouxe de Humaythá.

Não é verdade? Ou v. exc. fez tudo isso *coagido*?
Ora bolas! Já é tempo de ter juizo...

Maia.

II

As suas responsabilidades vão assumindo propostas assustadoras, e de outra forma se não comprehenderia o seu *alto prestígio como chefe* do partido situacionista de Humaythá.

Senão attenda v. exc.^a.

Quando aqui circulou a noticia de que v. exc.^a se dirigia a esta cidade no *Chico Salles* (?) tudo começou a tremer. Depois v. exc.^a chegou, veio, viu, deixou se entrevistar, contou *lórótas e rodélas*;

mas, não sei porque, ninguém o acreditou. E v. exc.^a é *sui juris*, quero dizer, senhor das suas ventas; estava livre de ferros e sem *coacção* de especie alguma. Mas foi o diabo a sua chagada, snr. coronel. V. exc.^a mais valente que o Ferrabraz, agitou a terra e o céu. Tudo ficou preto . . .

Até aqui por casa houve medo em penca, a ponto dos snrs. compositores em errarem o nome, o meu querido nome para v. exc.^a mais querido e muito doce—Maia,—aquelle seu Maia adoravel que fugiu com o livro das actas de lá do palacete do seu *sympathico* e roliço amigo Bacellar!

Seriosinho, coronel, eu tremo ainda, e tremo mais quando v. exc.^a passa no bond abraçado áquelle solicitador que arribou lá das suas bandas receiando o 266 do Codigo Penal em que incorreu; aquelle *coisa* que empreitou com v. exc.^a a sua defeza pelo *Jornal da Tarde*, atirando as mais descabidas infamias ás brancas do seu respeitavel pai (de v. exc.^a coronel); áquelle *meeting* que atira, insolentemente, insultos ao nosso Collendo Tribunal de Justiça em passeiata, á noite, em perfeito, completo e habitual estado de embriaguez, á rua Saldanha Marinho, onde elle *orou* (chama-se a atenção do serviço de limpeza publica) e v. exc.^a ouviu risonho e embasbacado.

Por tudo isso é v. exc.^a responsavel e mais pela indicação para professor publico de Humaythá do nome do velho sapateiro Filomeno Machado, aquelle que foi sachristão do padre França, aquelle mesmo que, na aula, pondo as mãos sobre o mappa da Europa, exc.^a exclamou: *mas este Amazonas é um mundo!!!*; pela nomeação do Motta, para delegado de policia; o Motta que, justiça seja feita, entrou na *encrenca*, como Pilatos no Credo, somente por exigencia do roliço compadre; e mais por outras coisas, coronel, que ficam para amanhã, sim?

Conte com a admiração do assombrado

Maia.

III

Cá estou fiel á promessa de hontem, para fazer a sequente narrativa dos máos actos de sua responsabilidade que formam o libello accuzatorio contra v. exc.^a, articulando sem odio, affeição ou cousa que duvida faça. Digo actos máos porque, de v. exc.^a, perdoe-me a franqueza, não conheço nenhum que preste.

E fique entendido que são apenas os praticados em Humaythá, onde v. exc.^a é, como diz a toda gente, *prestigiado e prestimoso chefe* do partido situacionista; porque aqui, saiba-se, si é que alguma duvida ainda existe, v. exc.^a é sobejamente, vulgarmente conhecido pelo eterno *coagido*; portanto, accessivel ao

aceno do que melhor lhe encha ou empanturre a vaidade fôfa de truão de feira.

Confesso, todavia, que sempre o considerei um homem sem occupaões, a gozar do *dolce far niente* que a fortuna proporciona aos bemaventurados a quem os theologos, pela Biblia Sagrada, concedem um cantinho no reino do céu. . .

Penitencio-me do meu erro; digo com unção religiosa, o *mea culpa*, porque v. exc.^a me sahiu melhor que a encommenda.

Por um phenomeno teratologico, v. exc.^a desdobrou-se em D. Quixote, Sancho Pança (não é a sua coronel) e Mr. de La Palisse.

D. Quixote, quando atacou uma população inerme, com mais de quarenta capangas, contando de antemão com seis soldados da guarda «bacellariana»; Sancho Pança quando serve ás ordens do mulato rolisso e La Palisse, quando historia os acontecimentos da cidade que o têm feito deputado (embora rolha) ha cerca de vinte annos.

V. exc.^a mandou insultar, calumniar mentirosamente, um juiz integerrimo e alguns moços qualificados, que só têm o defeito de ser independentes; que o não acompanham, porque têm criterio; que não vão á «missa» do pernostico e paranoico Bacellar, porque são honestos. E v. exc.^a os mandou insultar por tres individuos desclassificados, rotundos (como v. exc.^a, coronel) empanzinados de alcool, de ignorancia, de rheumatismo e de estupidez.

V. exc.^a sabe que tudo isto é da sua responsabilidade, embora digam que v. exc.^a é um bôbo alegre; tambem sei mais alguma coisa sua que fica para amanhã.

Tenha paciencia.

Permanece assombrado com os successos de v. exc.^a o.

Maia.

IV

V. exc. sempre teve uma boa estrella tutelar que o fez deputado chronico e o guindou até ás proximidades da almejada curul governamental do seu Estado, mesmo que fosse por tres dias, apenas, quando se deu aquelle celebre desastre que antehontem fez dois annos. Lembra-se?

Si, porém, v. exc. não attingiu a méta dos seus sonhos dourados, que era poltronear-se ali como o Sancho, seu homonymo, no throno da Barataria, queixe-se do seu pouco senso e do *experto* e escovado rabiscador do seu manifesto, que não consentio, a despeito dos seus rogos (parece que v. exc. até choramingou) e dos seus vehementes protestos de ter juizo, com tanto que v. exc. tivesse bem *folliada* a sua vaidade de D. Bibas adipôso.

Digo pouco senso, coronel, por que, antes, num passeio a que v. exc. fora (perdão! não foi: *levaram-no com palavras incisivas*) abandonando, alta madrugada, o conforto do vetusto palacio em que habitava, então asphixiado pelo calor de outubro, para o trocar pela brisa auroral que varria o convez de um velho callhambeque, ali v. exc. foi o unico que fez os melhores tiros, com a pontaria certa de quem estão habituados a manejar o rifle nas inhospitas regiões do Rio Machado.

Pouco senso, coronel, porque v. exc. em certa época, mais ou menos naquella, andou a avilstrar coisas que o Código Penal pune, não tendo sido attendido e sendo repellido com dignidade e altivez.

Foi por isso que *urubú comeu a sua roça* . . . como se diz lá nas suas bandas.

Mas agora, *tempora mutantur!* offuscou-se a bella estrella e abriu-se a vereda sinuosa que o levará ao tremedal, á valla common para onde vão os cadaveres em decomposição dos fracos e dos vencidos. Porque v. exc. é um fraco e um vencido.

Em politica, como em tudo, coronel, v. exc. anda como a mãe de S. Pedro, ou melhor como o celebre mammifero de Buridan. Até os seus *correligionarios* o evitam, e quando o defendem, o fazem tão pallida e amarellamente, que v. exc. já inspira dó.

Certo, v. exc. é dos bemaventurados que têm o seu cantinho entre as onze mil virgens.

Sempre admirado, o

Maia

V

Commigo estava a razão quando dizia nestas despretenhiosas missivas, todas respeitadas á *alta cathegoria* de v. exc. que, como politico, assim como em tudo, v. exc. está como o burro de Buridan. E quando digo não só affirmo, mas tambem vejo os *meus dizeres* confirmados.

A ultima carta que tive o desgosto de endereçar a v. exc. foi um parenthesis aberto, ou, como dizem os scientistas de Hypocrates, uma solução de continuidade na relação dos factos que nos occupam (mais a v. exc. do que a mim, coronel).

Reatemos, porem.

V. exc. mandou dizer pelo seu orgão que eu sou um *irresponsavel* (com sua licença), que o tenho *agredido vilmente*, a v. exc. que é o *dignissimo amigo* dos seus *dignissimos correligionarios*. Isto não me faz *bater a passarinha*, coronel; porque v. exc. sabe ser sem vergonha, louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo!

Então, porque eu disse em uma das minhas reverenciosas

epistolas, que era o seu adoravel, querido e doce Maia, v. exc. entende que eu sou de facto, qualquer Nicacio ou Bacellar que lhe *babuja os calcanhares*?

Qual, coronel! v. exc. está mais uma vez enganado.

Eu sou o Maia, doce e querido: mas independente com *cabellino na venta*. Quando me *espalho* . . . nem v. exc. me *ajunta*. V. exc. bem sabe que eu não temo o genipapeiro *lucianico*.

Com que então, v. exc., não se defende?

Disto estou eu certo e segurissimo. Porque, coronel, v. exc. não tem defeza: é incapaz de um gesto nobre . . . já não córa é que nem uma vez lhe veiu o sangue ás faces. E não córa porque o sangue não tinge os rostos dos cadaveres, porque os criminosos convencidos não córam nem vergastados pelo azorrague da accusação verdadeira, honesta, livre e independente.

O unico gesto de v. exc. é mau; porque, já disse, v. exc. não tem nenhum que preste.

Descaradamente, v. exc. campeia a sua rotunda e adipósa figura pelas ruas de Manãos a dizer a um e a outro que é um *bom moço*, affectando indifferença de Palerma.

Voltemos á *vacca fria*.

Eu sei e convencido estou (e commigo toda gente), que v. exc. é um tolo, um irresponsavel; oppõem-se, porem á minha convicção o facto de v. exc. ser (como anda a dizer) o *prestimoso chefe* do partido situacionista de Humaythá, reponsavel, portanto, da anarchisação daquella cidade, que v. exc. *representa* (não por valta de gente).

Ora diga v. exc., que andou a impingir pótocas ao grupo dos seus affeioados e a dar entrevista: nega que os escrivães de Humaythá estão foragidos (não é *coagidos*), abandonando os seus cartorios diante das ameaças e das vioelencias praticadas pelos seus sequases (de v. exc. coronel)?

Nega que os cartorios de Humaythá tenham sido arronbados pelos seus amigos (quero dizer capangas)?

O *asco do povo* é por v. exc., coronel, para o *reduzir á vergonhosa expressão*:

Sabujo!

Maia.

VI

Está se aggravando, cada vez mais, a sua situação.

Não fôra isto, e eu que tenho dó dos tristes, pouparia a v. exc. mais esta missiva, isto é, o trabalho de lê-la, para vêr se eu já disse tudo o que v. exc. sabe que eu sei . . . e só esta maçada

e mais nada; ou então eu seria incoherente, attentas aquellas verdades que eu tive de escrever hontem.

Mas é assim mesmo: eu tenho pena de vêr tão mal desempenhados os *papeis* que v. exc. deixou distribuidos a sua *honest* gente, ao deixar os dominios onde é *chefe prestimoso*.

Attenda, coronel: essa historia do arrombamento dos cartorios—historia verdadeira, confirmada por pessoas que não vieram de Humaythá, na companhia do juiz de direito e, portanto, não estão fazendo fita, e nem são do grupo do commendador Monteiro, e, pois, não podem ser inimigas de v. exc; esta historia é seria, tão seria quanto a administração do seu amigo Bacellar (na sua opinião).

E tanto mais grave se torna, quando se está passando o tempo sem a encenação dos seguintes actos da comedia que v. exc. deixou ensaiada . . .

E' que os seus cúmplices, coronel, se têm revelado isto mesmo que elles são: umas bestas!

Porque não mandaram elles logo, depois das suas façanhas, radiographar, de Porto Velho, dizendo-se refugiados no seu Mirary tão celebre, por falta de garantias, ou por ameaça do intendente Cavalcante ou outro?

Isto seria o 2º acto . . .

Dar-se-ia o caso de v. exc. não ter querido publicar algum radiogramma, effectivamente transmittido, porque, agora, o responsabilizado pelos seus cynicos cúmplices, coronel, é o commendador Monteiro, pae de v. exc., e uma vez que ausentes estão todos os outros *anarchisadores* de costas! argas! . . .

Eu não acredito, porque para isso fôra preciso que v. exc. tivesse consciencia . . .

Mas vá pedir a alguem que lhe explique, coronel; elles, os seus amiguinhos, *erram* e v. exc. é quem responde—apesar de tudo.

Os conselhos do Nicacio vão dar com os planos de v. exc. em *pantanas*.

Não emende a mão, coronel, porque já não é tempo; mas tenha cuidado.

Olhe que mais depressa se apanham miseraveis calumniadores do que um coxo.

Maia.

P. S. V. exc. embarca para o *seu feudo*, e eu, ensaudadecido, encerro esta serie de ligeiras epistolas; mas guardo a penna que ja escreveu as melhores verdades a seu respeito, coronel.

Boa viagem.

Maia.

Tartufo!

Acha-se nesta capital chegado ultimamente do rio Madeira, Antonio Francisco Monteiro, unico responsavel pela anarchia reinante na cidade de Humaythá, e outras cousas mais . . . Este, é o celebre *coagido* de todos os tempos, tão conhecido nesta terra pela sua leprosa chronica de pachiderme politico covarde. Já se vê, portanto, que não é de um extranho de quem vamos tractar, tal a notoriedade que envolve o seu nome na sabugice da politica de campanario. A vida publica deste saltimbanco, ha muito tempo que corre mundo almoedada nas mãos dos agiotas ou como um dobrão de cobre, antigamente corria aos azares da sorte por cima do panno verde.

Ninguem ignora mais a catadura deste mammifero inferior que, se por uma disposição anotomica, as vezes, não tem os quatro pés enterrados na lama, porque não é possivel, nesta posição vertical, metter a cabeça na gamella de alfafa.

Vimol-o hontem passar com a sua rotundidade pastosa de suino ing'ez, lerdo, mazorro e triste, como se levasse armaze-nadas no estomago todas as castanhas do Mirary.

Certamente acabara de comer a sua ração e beber bem, este animal de muita banha e toucinho de trez dedos!

Dir-se-ia que um magarefe seguia-lhe no encalce, porque, assustado, se arrastava lorpamente, rua alem, como um porco fora do seu chiqueiro perseguido por uma matilha de cães.

O poltrão photographara-se inteiro, naquella especie de fuga.

Estavamos em presença do homem mais accessivel a todas ás situações politicas, porque Deus lhe deu alma bastante para mudar de corpo com a mesma facilidade com que a mosca muda de posição, *Antonio*, é o mesmo vilão que apoia os actos do atrabiliario mulato Bacellar, nesta situação anormalissima que atravessa o municipio do Madeira.

Não é extranhavel a sua coparticipação criminosa nessas desordens que tiraram o socego das familias nessa localidade.

O seu nome é sobejamente repetido nos registros de fra-

queza e de covardia que constituem o repositório immoralíssimo da vida dos incapazes.

Este Antonio Monteiro, é um refinado politiqueiro de aldeia, mas que, de desastre em desastre, só tem demonstrado ter nascido para dirigir um rebanho de cabras e nunca estar a frente de um grupo de homens.

Depois, é um caracter difficil de ser accionado pela vibração do mais nobre sentimento. E' tão sujo como um sargaço que nem as aguas marinhas, nem os embates das ondas poderão limpar o das immundicies anherentes. Tal qual as mãos de Lady Macbeth, a que nem o oceano podia lavar as manchas que as ennodavam. Indifferente como uma pedra bruta abandonada aos cascalhos ou sacudida no fundo de um pantano; a sua consciencia não é mais que um trecho gelado de sua vida psychica, onde se accumula o lixo de todas as cidades emporcalhadas.

Creatura ignominiosa, ja tem os tympanos arrebetados de tão grandes que têm sido os choques dos desmoraamentos das paredes do seu mundo moral.

Politico abjecto, o seu nome em vez de accordar o som dos clarins ou o echo das fanfarras, na lucta heroica das idéas e dos sentimentos; recorda, apenas, o assovio da canalha embriagada na orgia das violações da liberdade civil.

Amigo indigno, porque tem uzado deste titulo, simplesmente para fazer gerar a perfidia, estabelecer a desharmonia e mais de pressa apunhalar com a sua deslealdade e coração incauto daquelle que só se abrija para amal-o.

Filho ingrato, que em vez de proceder de modo que seu respeitavel genitor não tivesse desgostos, pelo menos neste ultimo quartel da vida, pelo contrario, a sua existencia tem sido tão cheia ds erros gravissimos que a frente de seu veneravel pae mais se enruga á vista dos defeitos do filho que das contingencias da idade!

Quem é assim inferiormente classificado na mais ordinaria zona da escala animal—como um producto hybrid de qualidades negativas de caracter e intelligencia—não tem direito a figurar no meio de homens que tenham, pelo menos, uma noção rudimentar do que seja a responsabilidade social.

Entretanto Antonio Monteiro vegeta entre nós, e como todo covarde tem o seu Guabiraba, elle tambem achou este Pedro de Alcantara Bacellar, para violentar magistrados e plantar o terror no seio da sociedade humaythaense.

Ah! Tartufo!

O Bacellar

É hoje o superintendente de Humaythá o mulato pernóstico Pedro de Alcantara Bacellar, que, ha alguns annos, veio do Sul da Republica, trazendo debaixo do braço um titulo scientifico, arranjado sabe Deus como! e aqui chegou sem que ninguem desse pela sua presença.

Perdido na massa anonyma das ruas, apesar de viver confundido no mesmo grupo dos calafates ou dos aventureiros, entretanto, o mulatinho veio com o pé direito.

A sua chegada coincidiu precisamente com a epocha em que neste Estado a febre grassava, com especialidade no interior, arrebatando grande numero de vidas.

E depois com a falta absoluta de medicos e até de curandeiros, porque naquelle tempo o Amazonas era considerado um inferno, um horror, o diabo! facil foi assim ao pardinho encontrar em quem impingir as suas drogas.

O facto é que, do dia para a noite, apresentou-se elle mais asseiado na sociedade dos homens de sua côr,—enfarpellado em um terno de cazemira listrada e substituidas por botinas de duraque, as surradas botas reunas que elle, em certa manhã, atirava ao desvão da escada com tal repugnancia que parecia que ellas não constituiam para elle as derradeiras lembranças do seu solo nativo!

Em seguida, protegido por sua boa estrella, dizemos boa, porque a sua fortuna consistia exactamente na desfortuna alheia; pois, no lugar onde o numero de obitos era consideravel, ahi é que residia a sua felicidade; levado por ella, mesmo por não poder ficar nesta cidade, á falta de aptidões no meio dos outros medicos, mas que sabiam a sua profissão, viu-se forçado tomar um gaiola e andar de rio abaixo, rio acima, como a mãe de S. Pedro, pelas terras mais visitadas pela morte. Até que um dia uma onda mais forte do destino foi dar com elle nos barrancos de Humaythá. Ahi, em terra completamente extranha, com certeza Bacellar ficaria abandonado ás moscas si um ancião respeitavel que é o patriarcha daquellas terras não o recolhesse á sua

sombra tutelar, tendo dahi em diante para o peregrino os carinhos que só os corações generosos dispensam aos emigrantes ou aos desterrados neste mundo.

A despeito de sua pouca intelligencia, a sua inhabilidade e a antipathia que inspira logo, á primeira vista, o seu physico, simiescamente talhado em linhas desharmoniosas; a despeito do seu trato grosseiro e appoucada visão espiritual, todavia, o seu venerando protector era solícito em attenuar os defeitos do protegido, conseguindo por fim vencer a animadversão geral, de modo que, depois de algum tempo, o mulatinho já tinha accesso em toda a casa de familia.

Assim, apadrinhado por um esteio tão forte e já tendo entrada em toda a parte, não tardou que elle adquirisse uma certa clientella, da qual foi vivendo sem grandes embaraços, pois, quando acontecia surgir uma difficuldade de maior monta, não se atropellava com ella porque já estava habituado nesses vexames a ser soccorrido pelo seu magnanimo protector.

Nessas condições, a sua vida no Madeira deslisava como em mar de rosas.

E as cousas corriam tão bem para elle que, sem as preoccupações proprias de uma ardua existencia, o cabrinha começou a vêr tudo cor de ouro e a suppor mesmo que as cortinas do Paraiso se abriam propiciamente aos seus olhos pasmos de tanta abastança.

Como é facil de explicar, vivendo nessa fartura e não tendo mesmo em que cuidar, e como se dá com quem se encontra nessa situação, pela primeira vez, cahiu no ocio, entregou-se aos prazeres de sua idade, a namoricar as cunhantans da visinhança, até que, impellido pela finalidade irresistivel de seu temperamento de mestiço, o pardavasco fez-se poeta.

E, na qualidade de cultor das musas, as chronicas de Humaythá ainda recordam episodios da vida d'elle. Quem não se lembrará de umas tantas producções devidas ao estro do mulato?

Ainda bem pouco tempo, o finado Manoel João, que Deus haja em sua santa gloria! antes de sahir desta para outra, quando nos seus grandes dias de alegria andava de taverna em taverna a desopilar com as suas trovas e seus ditos o figado da cidade, não se esquecia de cantar alto:

«Inveja matou Caim,
Com isso não dou cavaco,
Pois quero a quanto jasmin
O cheiro do teu *suvaco*. . .»

Esta quadra de Bacellar fôra o resultado de uma paixão muito forte que elle tivera por uma preta que, embora não fosse uma perfeição de formas, uma especie de Venus Hottentote, em todo o caso, para elle, tudo servia naquelle exilio em que era tão escasso esse genero de mucambas. Chamava-se Raymunda Peixe Boi. Era gorda. cabellos carapinhos, dentes estragados, labios grossos, porem era uma africana de encher as vistas. Um desses typos femeninos despropocionados mas bem vigorosos que a gente sempre que os encontra na rua, pára, e de bochechas cheias diz com as mãos mettidas nos bolços da calça:—sim sr., ahi está um quartáo de pobre! . . .

Pois bem: essa era sua amada, a sereia ethiope inspiradora de seus versos, na maioria cantados por elle proprio.

Fazia um gosto, até certa epocha, ver o pardinho sentado ao piano e ao som do *Olhar altivo*, musicade sua predilecção, de dilhar a lyra e numa toada plangente evocar em espirito a sua Daphne de azeviche:

«Raymunda do meu peccado,
Se me fosse permittido,
Quizera ser enterrado
Na concha do teu ouvido».

E assim num descuidado viver de trovador vagabundo, levou o mestiço muito tempo a doirar as pilulas ou a vender as suas mezinhas ao som das melopéas.

Mas Bacellar que não possuia um resquicio do nervo poetico de Castro Alves, foi cahindo do conceito do povo a ponto de, ultimamente, quando o viam passar já dizerem em vóz baixa:—La vai o maluco! senão: mulato, olha o teu lugar! . . .

Por fim já ia se estreitando de mais o circulo de suas relações, foi quando o seu preclaro protector vendo que o protegido não dava mesmo para nada, fel-o medico de um gaiola, da Madeira-Mamoré. Ahi elle pintou a manta logo que se vio no meio dos brancos, o que já era de esperar, pois, o mulato é assim mesmo, agente dá o pé e elle quer logo a mão. Resultou ser demittido por falta de habilitações e, sobre tudo, por muito mettidoço, Voltou novamente a Humaythá e, novamente o dadivoso ancião botou-lhe a mão por cima e o cabrinha reenceitou a sua medicina vadia, mas desacreditado como estava, passou, então a ser uma carga pesada, uma especie de filho mais velho do mais antigo e prestimoso morador daquella localidade. Surge a vaga para candidato á successão de superintendente do municipio do Madeira e quem havia de ser o escolhido: Bacellar.

Esta indicação feita pelo prestigiado chefe politico commendador José Francisco Monteiro, cahiu como uma bomba que hovesse estoirado, tanto assim que, se não fosse o prestigio do referido commendador, secundado pelo juiz de direito e outras pessoas de respeito residente em Humaythá, teria, fatalmente naufragado a sua candidatura.

O povo fez cara feia visivelmente contrariado com essa lembrança; Cavalcante de d. Sinhá, tirou o pencenez como se a lua lhe cahisse aos pés; o Coimbra poz as mãos na barriga temendo que ella com o susto podesse saltar fóra do cinturão; somente a Raymunda Peixe Boi, a unica pessoa que applaudira a escolha do mulato. Contam que, tão grande foi a sua alegria que, no momento em que soube disso, correu presurosa a egreja a collocar uma vella nos pés de S. Benedicto e outra na cabeceira da cama.

Mais de todos, devemos em bem da verdade, confessar que ninguem, em todo o rio Madeira levou, pela primeira vez, o freio a bocca com tanta raiva contra esta candidatura que Antonio Francisco Monteiro.

Considerou-a uma calamidade e que protecção até ao ponto de se exigir o sacrificio do municipio, não se coadunava com o longo proceder honroso e tradicional probidade de seu velho pae!

Mas o pardinho era sabido e, alem de tudo hypocrita.

Comprehendendo a barreira erguida contra o seu nome pelo Antonio Monteiro, si bem que conhecesse que este não passava de um truão politico vulgarissimo, em todo caso era filho do seu protector.

Que fez, nesse caso? Habilmente insinuou-se no animo do bobo e obviada esta difficuldade galgou a Superintendencia

O que aconteceu depois? Todos nós sabemos. Ahi estão os sucessos politicos de Hamaythá como um testemunho flagrante do character destes dois canalhas.

Bacellar e Antonio Monteiro são os extremos: se tocam. São os dois pontos mais culminantes do continente da perfidia humana.

Dahi, o respeitavel ancião, o generoso protector, o prestimoso commendador Francisco Monteiro; juiz de direito e outros estarem hoje sendo miseravelmente sacrificados assim pelo mulato que elles levantaram do pó e por este Pancraccio Antonio Monteiro, sem que ainda houvesse surgido um Sansão vingativo que desconjuntando as columnas do templo da difamação ellas ruissem por terra esmagando nos seus destroços estes dois sacerdotes da Missa Negra.

A' margem dos factos

Escreve-nos o sr. coronel Antonio Achilles Cavalcanti, estimado proprietario no municipio de Humaythá:

Sr. redactor da FOLHA DO AMAZONAS. Com a chegada, a esta cidade, do coronel Antonio Francisco Monteiro, os jornaes *Amazonas*, *Jornal de Mandós* e *Jornal do Commercio* editaram novos informes sobre os successos de Humaythá, informes, todos elles, fornecidos pelo mesmo coronel Monteiro.

Estando o meu nome envolvido em todos esses acontecimentos, não quero e nem consinto que, sobre elle, recaiam, siquer, suspeitas que o desabonem.

E, assim, passo a fazer um ligeiro historico do que occorreu na cidade de Humaythá.

Como intendente municipal fui convocado para a sessão extraordinaria do respectivo conselho, a realisar-se no dia 15 do mez actual, afim de, nessa sessão, proceder-se á divisão do municipio em secções e elegerem-se as respectivas mezas que devem presidir á eleição de Senadores e Deputados no proximo pleito de 30. Comnigo compareceram, no dia designado, os intendentes Esron Menezes, Raymundo Corrêa de Araujo e Antonio Pereira Nina. Reunidos na sala das sessões do Conselho, eu e os meus collegas acima referidos, lá não encontramos o secretario. Esperamos até ás 9 1/2 da manhã. Nessa hora resolvemos dirigir ao dr. juiz de direito da comarca uma petição em que requeremos a intimação do secretario para apresentar o competente livro de actas das sessões do Conselho, e no caso de elle não comparecer, que fossem tomadas as deliberações do Conselho, e no livro de notas do tabellião, tomando-se tambem por termo o protesto que lavraramos.

Isto foi o que se passou, como ja previamos: o secretario escondeu-se, tomou-se por termo nosso protesto e lavrou-se a acta da sessão extraordinaria no livro do tabellião.

Emquanto isto se passava, reinando completa paz na cidade, como o affirma o sr. coronel Antonio Monteiro, o dr. Alcantara Bacellar, superintendente do municipio, expedia para Mirary, um portador a cavallo, levando ao coronel Monteiro a noticia mentirosa de que estava ameaçado.

Este rebate falso deu logar á chegada, no dia immediato, ás 10 1/2 da manhã do coronel Monteiro a Humaythá, na lancha *Cauby*, de sua propriedade, trazendo em um pontão a reboque mais de quarenta homens armados de rifles e devidamente municiados.

Aliás, eu ainda não sabia do aviso a *cavalo*, feito na vespera; por isso, ao aportar a *Cauby*, e a convite do dr. Bacellar, fui a bordo receber o coronel Monteiro, de quem sou amigo particular, e, que, me disseram, vinha com sua exm^a. familia visitar seu venerando pae.

Fui, pois, surprehendido ao avistar, acompanhando o coronel Antonio Monteiro, aquelle avultado numero de *cangaceiros*.

Diante desta attitude hostile dos que contavam não somente com a força publica constituída pela guarda local, mas tambem por numeroso grupo de capangas; vendo a cada momento perigar a vida de meus amigos e a minha propria (pois que, por eleição, presidi a sessão extraordinaria do Conselho Municipal), depois de o dr. juiz de direito declarar em audiencia extraordinaria que suspendia o serviço do fôro por se achar sem garantias para o seu cargo, a sua pessoa e a sua vida, e que vinha a esta capital solicitar providencias ao poder competente—resolvi conduzir em minha lancha *D. Santa*, para Manãos, os meus amigos mais ameaçados, tendo aqui chegado no dia 23, a bordo da lancha *Hercules*, por desarranjo da outra, em viagem.

Não merece refutação a noticia que deu um dos jornaes, enviada de Humaythá em radiogramma, do meu offercimento de 300 homens. E' ella por demais despresivel, como despresivel tambem é a historia do arrombamento da porta do gabinete do superintente de Humaythá e a da retirada, de lá, dos livros referentes a eleições.

Estes livros foram encontrados em um compartimento contiguo ao salão da Intendencia Municipal, e delles lancei mão para os enviar ás respectivas mesas, como me competia.

A falsidade da informação prestada pelo coronel Antonio Monteiro, neste ponto, é ainda evidente pelo que tambem disse, confirmando o que foi publicado e do que existe prova documental, com relação ao requerimento do Conselho para entrega do livro do actas: pois sería facil providenciar sobre a falta daquelles livros, como se providenciou sobre a deste ultimo.

Esta é que é a verdade.

Com a publicação destas linhas, sr. redactor, muito obsequio prestareis ao

Amigo crd e admr.

Antonio Achilles Cavalcanti.

Umas verdades

Devido a oportunidade e a relação existente com os successos politicos de Humaythá, damos publicidade a carta dirigida pelo talentoso advogado dr. Everarde Barreto, ao nosso companheiro.

Eil-a:

«Collega e amigo Telesphoro de Almeida.

Peço-lhe que, na primeira occasião um que v. tiver de tratar, pela imprensa, das occorrencias de Humaythá, attenda as informações que, a respeito, faço questão de prestar pela presente, em vista de estar incluído o meu nome em certa correspondencia, de character official, para aqui enviada pelo superintendente dr. Bacellar e por um supplente do juiz municipal daquelle termo.

Eu nunca estive, de forma alguma, envolvido nas questões da politica humaythaense, que ainda agora não considero cousa de muita importancia.

Somente dei attenção as taes questões no momento em que comprehendí que o facto de ser amigo particular do velho commendador Monteiro e do juiz de direito, attrahia-me a odiosidade dos chefes politicos da cituação alli: foi isto quando tive de acompanhar o juiz de direito a esta capital.

Sabem disso todos esses politicos correspondentes do jornal «Amazonas» e os que assignam os officios datados de 17 do corrente, publicados hoje.

Elles todos faziam-se seus camaradas, inclusive o sr. coronel Antonio Monteiro, que foi meu constituinte, até um dia destes.

Elles envolvem hoje, perversa e deslealmente, o meu nome nas referencias calumniosas dos factos de Humaythá, com o fim de ferir mais de uma vez, ao meu bom, velho amigo e constituinte o commendador J. F. Monteiro, e ao meu collega e amigo porticular dr. J. Lins Themudo attirando-se especialmente sobre este ultimo.

Muito conhecido, o velho politico e o honrado magistrado elles não precisam que eu os defenda.

Mas eu que não disponho de relações se não num pequeno grupo de meus collegas e no de alguns commerciantes desta praça, que me honram com a sua confiança, conferindo-me poderes de representação no Madeira; por isso que sou desconhecido, tenho necessidade de defender-me.

Preciso dizer a esse superintendente idiota que elle mente e calunhia, affirmando que eu tive parte nos acontecimentos que elle naturalmente, narra como bem entende, e como bem entende, faz referir por pessoas irresponsaveis que assignariam tudo, desde que se lhes fizesse ver que os seus nomes sahiriam no jornal; preciso dizer-lhe mais que eu não poderia ser acciutoso, passando por sua casa, visinha a em que residio tendo cumprimentado as pessoas que ali se achavam e sendo correspondido; e finalmente que esse officio em que me calunhia, não é meio habil de apurar responsabilidadss.

O supplente de juiz municipal, Francisco Coimbra, não responde pelo officio que assignou.

Posso dizel-o, porque elle, estando no exercicio, me declarou em certa occasião, que não podia deferir um requerimento de constituinte meu, apresentado num processo de remoção de tutor, por que o dr. Bacellar interessava-se por uma das partes, e, como eu insistisse, indeferio, pelo fundamento de não dever ser ouvido, em qualquer casa, o réo que não compareça logo no inicio.

O bom homem removeu o tutor, que era meu constituinte. Interposta a appellação, o juiz de direito julgou-se competente para conhecer do feito em primeira instancia, e pronunciou a nullidade do mesmo. E tão bem conduzido fora o processo, que o autor, vencido, não recorreu da sentença da primeira instancia.

Eu vi victoriosa a causa da justiça, mas fiz inimigos porque fiz questão de ser independente.

Esse juiz, este infeliz que assim se declarava instrumento de outrem, vem hoje tirar a *revanche*, da mesma forma que o seu chefe politico.

Elles já conseguiram muito porque me fizeram a vergonha de ver o meu nome envolvido nessas questões de politica de interior.

Elles hão de procurar-me mais tarde, e eu os desprezarei porque, hoje, calumniando-me, elles são uns infames.

Manãos, 30 de Outubro de 1912.

Everard Barretto.

Escreve-nos:

«Sr. Redactor da *Folha do Amazonas*.—As peças officiaes que têm sido publicadas no *Amazonas*, todas ellas dirigidas pelo superintendente, pelo supplente de juiz municipal em exercicio e pelo delegado de policia de Humaythá, e as asserções do sr. coronel Antonio Monteiro em entrevista com o *Jornal do Commercio*, envolvem o meu nome nos acontecimentos politicos daquella cidade, pelos quaes são elles, os signatarios e o entrevistado, os unicos responsaveis.

Si, em tudo que elles dizem, não houvesse tanta falsidade e tanta infamia, que revoltam, eu lhes daria o troco com a altivez dos que não temem devassas em sua vida.

Assim, não; absolutamente não retalio com politiqueiros de aldeia, mentirosos, ignorantes e pusillanimes.

Aós meus amigos e aos quem conhecem, peço que aguardem a decisão do Egregio Tribunal de Justiça sobre as providencias pedidas pelo dr. juiz de direito daquella comarca violentamente espoliado do seu cargo.

Com a publicação destas linhas sr. Redactor, lhe ficará muito obrigado o—*Eugenio Simpson*».

Anarchisação de Humaythá

PARA A COVA. . .

Para confundir o esdrivinhador da verrina que o «Amazonas», jornal que se edita sob a responsabilidade do sr. coronel Guerreiro Antony, publicou em seu numero de 14 do fluente, em que se pretende equiparar o character do dr. Lins Themundo, integro juiz de direito de Humaythá, com o dos srs. drs. Alcantara Bacellar e coronel Antonio Francisco Monteiro, com vantagens para estes; para reduzir os transfugas ao seu verdadeiro papel, basta-nos transcrever o que, em carta de 7 deste mez, disse a respeito do dr. Francisco Monteiro, um dos mais velhos e conspicuos politicos do Amazonas.

O preclaro commendador José Francisco Monteiro é pai do sr. coronel Antonio Francisco Monteiro, actual deputado estadual.

Tem a palavra o velho criador da florescente cidade de Humaythá:

«Pela leitura dos jornaes dahi fiquei muito contrariado, por ver como se mente escandalosamente quanto aos factos que aqui se deram».

Estou ancioso por saber que providencias o Tribunal pediu ao governo sobre o lastimavel estado em que está esta cidade. Espero-o, anciosamente, com os nossos amigos.

.....

«Quiz mandar escrever alguma cousa sobre a verdade do que aqui se tem passado, SOBRE AS CALUMNIA E INFAMIAS QUE OS JORNAES PUBLICARAM A RESPEITO DO SEU DIGNO NOME; mas tenho esperança de um dia poder dizer em alta voz, nessa capital, que o elemento da paz e do socego das familias de Humaythá foi o muito digno dr. Themundo, sem receio de contestação. As calumnias e as injurias ficam com quem as levantam».

E não precisamos escrever mais, nem uma unica linha. para deixar definidos aquelles covardes escrivinhadores anonymos; para isso, tão pouco fôra necessario lembrar aqui o que, sem so-

licitações de condescendência, veio declarar, por este jornal, o sr. desembargador Agapito Pereira, cuja palavra invocaram os mesmos indignos correspondentes do «Amazonas» tão porcos que lhes não fariamos referencia, se não fosse a oportunidade de mostral-os, ainda uma vez em publico, os infames calumniadores descobertos, tendo a desmascaral-os aquellas mesmas pessoas a quem se referem com elogios, para darem, ainda que por poucas horas, uma pallida côr de verdade ás suas mentiras monstruosas.

Tanto não fora mistér, por certo, para o fim que temos em vista; que uns simples topicos de carta que ahi ficam, tem força bastante, aos olhos dos homens dignos, bem o sabemos, e bem o conhece toda gente de consciencia, para destruir inteiramente um acervo de infamias horriveis que os miseraveis sequazes do desmoralizado Antonio Monteiro tentaram covardemente, sob o anonymato atirar sobre a reputação invejavel de um homem digno por todos os titulos.

Ahi fica nesses topicos de carta que são transcriptos, a opinião do sr. commendador José Francisco Monteiro, o benemerito fundador da cidade de Humaythá, o conhecido politico e preclaro chefe do Partido Republicano Conservador no mesmo municipio, opinião emittida a proposito das referencias dos factos de Humaythá, feitas e mandadas fazer por Antonio Monteiro e os seus cumplices.

Que o conheça o publico o julgamento feito pelo venerando commendador José Francisco Monteiro do que nesta capital, se publicou, sob a responsabilidade descoberta ou não do «coagido» Antonio Monteiro, sobre as occorencias de Humaythá.

Que o saiba o publico sensato e então, ajuize cada vez melhor, do character desse homem mais do que indigno, que entervistado aqui, pelo «Jornal do Commercio» não vacillou em alludir á cordialidade das suas relações com o seu proprio pae, o qual da forma que se vê, expressa-se sobre taes declarações e sobre o homem que elle, o informante calumniador, pensou collocar mal.

Que o publico sensato faça o seu juizo.

A defeza ao juiz integro e digno, sabemos, será feita, por outra forma, completa, em tempo proprio.

Escrevem-nos:

«Sr. Redactor.—Quando em Jatobá de Tacaratú a velha Nicota via um typo com o dedo na bocca e falando arrastado ou de calças curtas, chapéo desabado e lenço no pescoço, costumava dizer sempre:

—Negue quem quizer, mas não me chamo Nicota se esse sujeito não fôr da Serra do Vento?!

E era mesmo. A velha tinha um fáro canino.

Certa vez perguntado em que consistia esse seu conhecimento, ella promptamente respondeu:

—Meu santo, era seu tratamento familiar: é que gente besta não ha como a da Serra do Vento!

Passaram-se os tempos e eu como sou das Alagôas e todo povo das Alagôas tem bôa memoria, não me sahiu mais do pensamento a historia que me contára a Nicota.

Sahindo de minha terra acossado pela secca e não tendo em que ganhar a vida, resolvi embarcar para aqui vindo contractado para trabalhar em um seringal do rio Madeira, isso fazem perto de seis annos.

O gaiola em que eu ia estava apetrechado de tanta carga que tive de amarrar a minha rede por cima da mesa das refeições, mas, mesmo assim, tão apertado fiquei que não podia me mexer entre dois passageiros, principalmente um gordo que roncava como um porco e tinha o habito de dormir com as mãos escondidas não sei onde...

Depois de quatro dias de penosa viagem chegamos enfim a um logarejo pintalgado de casinhas brancas e novas.

No barranco, os curiosos aguardavam a chegada do navio, mas minha attenção foi attrahida para uma pequena igarité onde se encontrava um molecote, cheio de corpo, vestido de fato amarello, mas de calças tão curtas que se viam as meias côr de papoula fóra dos burzeguins cinco dedos de largura.

Pela maneira aparvallhada com que elle de cócoras acompanhava as evoluções do barco, recordei-me do que costumava dizer a velha Nicota e não sei porque exclamei de repente:

—Que eu morra de um raio mas esse moleque é da Serra do Vento!

—Não é. Isso é um idiota.

Voltei-me para vêr quem me respondia. Era o mesmo passageiro gordo que roncava como um porco quando dormia.

Mal retorno á posição, ouço um barulho, um alvoroço, uma espectação geral. Immediatamente cabos e cordas foram lançados ao rio numa precipitação extraordinaria e um grito angustiado:—acudam-me pelo amor de Deus! Pelo inopinado do acontecimento não soube o que atinar. E os gritos dolorosos a se erguerem para o alto. O vexame era grande; muita afflicção, porém ninguem se atrevia a acudir o naufrago por outros meios.

—Não percam o tempo com este maluco, falava o passageiro gordo.

Subito, um velho alto e sympathico atira-se ao rio, que ali era profundissimo, e a muito custo arriscando a propria vida conseguiu salvar-o. Conhecemos, então, no naufrago o molecote da igarité, a qual num movimento inesperado do gaiola entornara desastradamente.

Continuamos a viagem e chegamos ao porto do nosso destino.

Cinco annos depois de terminado o meu contracto regressi passando no mesmo porto onde, tempos atraz se déra, esse sinistro. Sendo portador de uma carta importante para aquelle logar e não conhecendo pessoa alguma, me indicaram que eu fosse me entender com o superintendente.—E' ali, disseram apontando um chelet lindissimo

Bati e dizendo o que queria me mandaram entrar. Na sala alcatifa la quem eu havia de encontrar tomando uma bebida fina?! De braços dado como dois velhos amigos, o passageiro gordo que roncava como um porco e o molecote da igarité que era o superintendente dali.

Na porta da rua, a primeira pessoa que passou, como os dois se recusassem dizer onde residia o signatario da carta que trazia, me conduziu até lá.

Qual não foi a minha surpresa quando deparei o mesmo velho alto que salvara o moleque.

Foi, então, que soube de toda a historia contada hoje pelos jornaes onde a figura desse heroico ancião que é o coronel José Francisco Monteiro apparece ainda mais luminosa pela ingratição do moleque Alcantara Bacellar de braços dado com Antonio Francisco Monteiro.

Oh! Deus grande! quanta miseria existe nos refolhos da alma humana?!»

ANARCHISAÇÃO DE HUMAYTHÁ—Publicado na «Folha do Amazonas», ns. 521 e 522.

CARTAS ABERTAS—Ao sr. coronel Antonio Francisco Monteiro, publicadas na «Folha do Amazonas», ns. 524, 526, 527, 529, 530 e 531.

TARTUFO!—Publicado na «Folha do Amazonas», n. 526.

O BACELLAR—Publicado na «Folha do Amazonas», n. 529.

A' MARGEM DOS FACTOS—Publicado na «Folha do Amazonas», n. 525.

UMAS VERDADES—Publicado na «Folha do Amazonas», n. 527.

ESCREVEM-NOS—Publicado na «Folha do Amazonas», n. 528.

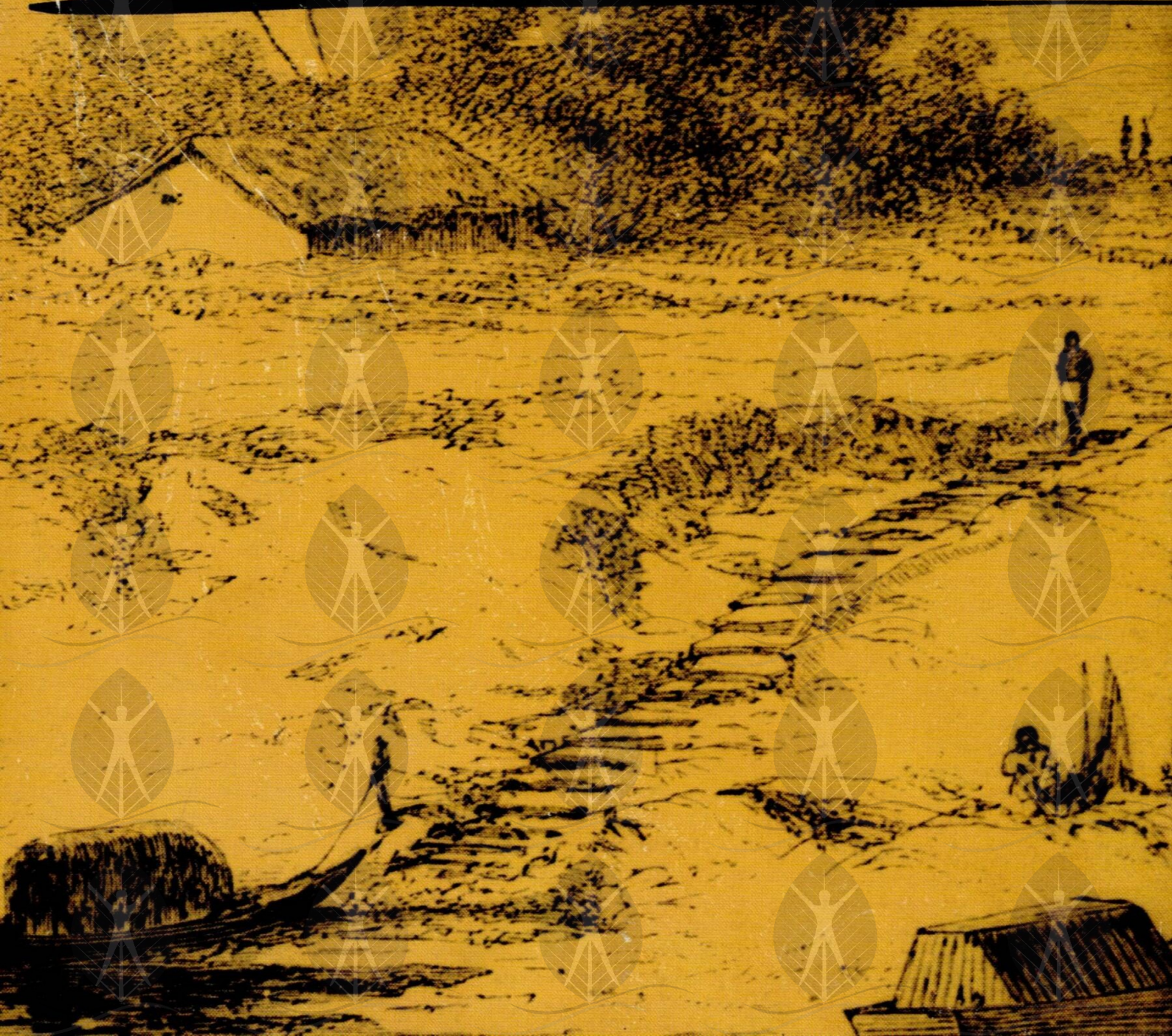
ANARCHISAÇÃO DE HUMAYTHÁ—*Para a cova . . .*—Publicado na «Folha do Amazonas», n. 542.

ESCREVEM-NOS—Publicado na «Folha do Amazonas», n. 544.



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

CULTURA
Secretaria de Estado





AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA